



Com a neta, Luz Marina aguardou horas na fila do Albert Schweitzer, onde duas pessoas morreram domingo e ontem por falta de atendimento

Revolta nas filas intermináveis

Filas intermináveis comprovavam ontem de manhã a precariedade de no atendimento no Hospital Estadual Albert Schweitzer. "Só tem um clínico para os adultos e um pediatra para as crianças, cada um com mil pacientes para atender. Assim não dá", reclamava Maura Martins, de 30 anos, grávida, que esperou cinco horas numa das filas para tentar se tratar de uma crise de urticária. Na fila ao lado, Luz Marina Hurtado aguardava desde às 6h o atendimento para a neta Taisa, de oito meses, que tinha febre de 39° e vomitava muito. "Já são qua-

se 14h e a fila não anda. Disseram que a pediatra saiu para atender a um telefonema e ainda não voltou", lamentava.

Luz Marina, de 36 anos, reclamava que perdera o dia de trabalho na fila. "Aqui é sempre assim. Minha neta é prematura, já teve pneumonia, e ninguém se importa", contou, revoltada. Enquanto isso, Maura Martins o Albert Schweitzer após cinco minutos de consulta. "Me mandaram procurar um dermatologista em outro hospital", contou. No saguão da emergência, uma poça de sangue chamava a

atenção sob um banco. "Foi uma moça que abortou aqui mesmo, enquanto esperava atendimento", comentava-se, na fila.

Também aguardando atendimento desde cedo estava Augusto Mattos, de 37 anos, amparado na mulher, Lilian. Com muita febre, ele lamentava a opção pelo Albert Schweitzer. "Me disseram que era o melhor hospital, mas eu nem consigo entrar para saber", resmungou. A diretora do hospital, Sônia Silva Prado, não quis dar entrevistas para explicar o mau atendimento na emergência.